ASTRONOMIA E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS EM ESCOLAS INDÍGENAS

Flávia Cristina de Mello[1], Jules Batista Soares[2], Leandro de Oliveira Kerber[3]

[1]Professora Adjunta de Antropologia – Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.
Doutora e Mestre em Antropologia Social - UNICAMP/UFSC; flaviacdemello@yahoo.com.br

[2]Professor Adjunto de Física – Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.
Dr. em Astrofísica – UFRGS; julesoares@gmail.com

[3]Professor Adjunto de Física – Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.
Dr. em Astrofísica - UFRGS/USP, lekerber@gmail.com

Resumo

O presente artigo trata de aspectos de educação intercultural pensados a partir de experiências em ensino de astronomia e ciências naturais em cursos de formação de professores indígenas. Tomando a discussão de conceitos como interculturalidade, educação escolar indígena, formação de professores indígenas, ensino de astronomia, cosmologia e astronomia cultural, promovidos pela Mesa redonda "Astronomia Cultural e Educação Intercultural" do I SNEA, abordamos os desafios envolvidos nas atividades de ensino de ciências em contextos culturais específicos, como no caso da educação escolar indígena e a formação de professores indígenas para atuarem neste contexto de ensino de ciências em escolas indígenas. Descrevemos vários elementos do sistema cosmológico Guarani para refletir sobre ensino de astronomia, astronomia cultural e interculturalidade em contextos de diversidade cultural ou alteridade cultural e no processo de formação de professores. O conceito de Cosmologia e a abordagem metodológica de Relativismo Cultural, entre outros, são algumas das premissas teóricas para o trabalho de pesquisa e extensão realizado pelo grupo de pesquisadores da UESC que dedicam-se à temas relacionados à Educação Intercultural, Astronomia Cultural e Educação Escolar Indígena.

Palavras-chave: Educação Intercultural, Astronomia Cultural, Etnoastronomia, Formação de professores indígenas.

Introdução

Este texto é produto da participação na Mesa Redonda "Astronomia Cultural e Educação Intercultural", integrante do I SNEA – Simpósio Nacional de Educação em Astronomia, da qual colaboramos trazendo questões relacionadas ao ensino de astronomia e ciências naturais em escolas indígenas, em especial, na formação de professores indígenas para o trabalho de educação intercultural em suas comunidades indígenas.

Os dados aqui apresentados são resultado de experiências de docências, pesquisas e atividades de extensão em escolas indígenas, comunidades quilombolas e comunidades rurais da região de Ilhéus e Itabuna, realizadas por um grupo de multidisciplinar de professores, alunos e pesquisadores das áreas de Física, Antropologia, Sociologia, Matemática, Pedagogia, Química, História, Agronomia, Psicologia e Biologia da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Este grupo de pesquisa e extensão tem a Astronomia Cultural como uma das linhas de pesquisa, e a formação para o ensino de astronomia uma de suas atividades de extensão. Nestas atividades, a Astronomia Cultural é pensada como parte indissociável do ensino de ciências naturais, geografia, história e organização social em sociedades indígenas, de acordo com metodologias de trabalho transdisciplinar, promovendo formação de dupla via: Enquanto os professores e alunos universitários dedicam-se ao ensinar-pesquisar no processo de preparação e execução das atividades docentes e nas interlocuções nas escolas e comunidades indígenas, eles estão sendo formados por estas vivências, ao trabalho de educação para a diversidade.

Esta formação para a educação para a diversidade é um dos objetivos do curso de formação, pensado a partir de demanda dos professores e alunos da UESC, que necessitam formação para qualificar as atuações de docência e extensão com alunos, ou comunidades etnicamente e culturalmente diferenciadas, comunidades rurais, entre outras, perfil característico do aluno e do público alvo em geral da UESC, que localiza-se no litoral sul da Bahia. Nosso objetivo é qualificar a formação docente e discente para questões sobre a diversidade social e cultural e adequarmo-nos às diretrizes e bases da educação brasileira, que tem na educação para a diversidade uma premissa importante (com indicam as leis 9.394/96 – LDB, lei 10.639/02 e lei 11.645/08, por exemplo). Atualmente, nossas atividades de pesquisa e extensão concentram-se nos seguintes projetos em andamento:

*Céu na Praça – Observações astronômicas em comunidades tradicionais e comunidades indígenas. Configura-se num evento de divulgação de astronomia em praça pública, com a proposta de celebrar a ligação do homem com a natureza, em particular com o céu. A equipe, formada por estudantes, professores e artistas, se distribui pela praça em células de atividades independentes e complementares, que incluem observação do céu, contação de história, cinema e música. Nas visitas às comunidades indígenas, especial ênfase é dada para manifestação da cultura local relacionada com o cosmos.

* Curso de formação de professores indígenas: O curso reúne professores e alunos de várias áreas de conhecimento, inclusive alguns alunos indígenas, que colaboram na organização das atividades e na interlocução com as pessoas das comunidades indígenas. As atividades de extensão consistem em módulos temáticos de ensino de ciências e linguagens para professores indígenas das etnias Pataxó Hahahãe e Tupinambá, reunindo conteúdos abordados da perspectiva interdisciplinar e intercultural – interdisciplinar, na medida em reúne elementos de diferentes áreas de conhecimento que articulam-se a partir de um tema gerador e intercultural, na medida que busca apreender e correlacionar tais conteúdos com elementos dos conhecimentos indígenas específicos de cada uma das culturas indígenas representadas no curso, replicando a experiência do Curso de Formação de professores Guarani, do qual participei como docente e pesquisadora. As atividades de pesquisa convergem, em linhas gerais, no mapeamento e investigação dos experimentos em educação escolar indígena, nas formas de transmissão de conhecimento praticadas nestas escolas, na sistematização dos conhecimentos indígenas trabalhados nas escolas indígenas e nos processos de revitalização e fortalecimento cultural indígena que ocorrem no ambiente escolar.

Os dados aqui apresentados fazem parte do conjunto de informações reunidos nas atividades de pesquisa, docência e extensão mencionadas acima, com

ênfase especial aos dados obtidos durante pesquisa de doutorado (Mello, 2006) e em atividades de docência nos cursos de formação de professores.

As etnias indígenas pesquisadas pelos componentes do grupo são os Tupinambá de Olivença, que habitam a região de Ilhéus, no litoral sul da Bahia, os Pataxó Hahahãe, no interior bahiano, situados a cerca de 100 km de Ilhéus, os Guarani de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os Kamayurá e Suyá, no Parque indígena do Xingu. Suas localizações geográficas aproximadas estão indicadas (em círculos rosa) no mapa abaixo:

Interculturalidade, Astronomia Cultural e Educação Escolar Indígena

Para promover os módulos de formação de professores indígenas em ensino de astronomia nos contextos Interculturalidade, na prática da educação para a diversidade, e na formação para educação escolar indígena nos valemos de duas linhas teórico-metodológicas principais para embasarmos as atividades. A primeira delas são as discussões de interculturalidade na educação escolar indígena e a segunda é são os métodos da "pedagogia da autonomia", baseadas nas discussões freirianas, na qual a formação de um professor exige que ele seja capaz de articular os conhecimentos oriundos do saber não escolarizado, elementos da cultura popular, "do mundo do educando", e desperte a curiosidade do aluno a descobrir, pesquisar, comparar os conhecimentos que ele já traz com os conteúdos apresentados em seu processo de escolarização, sem dissociar os saberes apreendidos na sua vivência social daqueles ensinados na escola.

A astronomia, assim como outras áreas das ciências exatas e naturais, é uma área de conhecimento que encontra manifestação na maioria dos povos e sociedades humanas. Por isso, nenhum aluno chega aos bancos escolares sem uma noção básica sobre a existência do sol, da lua, das estrelas e de uma explicação sobre o que representa o céu. Assim, para que o diálogo e transmissão destes conhecimentos se efetivem é necessário que haja por parte dos professores algumas condutas básicas:

1 O Reconhecimento da Diversidade Cultural Humana: Todo professor deve partir do reconhecimento que a forma de entendimento do que é o *cosmos* é aspecto

central de todo sistema de pensamento humano, por isso, não pode ser pensado dissociado de sua base cultural. Por isso, a maioria absoluta das sociedades humanas têm conhecimentos acumulados e sistematizados sobre o céu e uma explicação própria para os ciclos astrais.

2 O Afastamento do Etnocentrismo: O etnocentrismo é a tendência de achar que a sua forma de entender, explicar e representar as coisas do mundo é a melhor e mais correta. Nossos conhecimentos astronômicos nos parecem a forma correta de representação do cosmos, contudo, neste tipo de interação, devemos levar em conta que há entendimentos distintos sobre o que é o cosmos e que isso orienta a contagem de tempo, calendários humanos, calendários agrícolas, sistemas de orientação espacial, regras e normas de organização social, atividades sociais de trabalho e produção, entre vários outros aspectos.

3 O Relativismo Cultural: Relativizar aspectos culturais de nossas origens ou nossa formação cultural e escolar, e a partir desta postura epistemológica, buscar entender a lógica implícita a cada sistema de pensamento, ou cada cultura, na sua totalidade, sem fazer comparações ou julgamentos apressados, numa pesquisa de campo sistemática, reunindo informações sobre os conhecimentos existentes sobre o tema gerador, as suas formas de sistematização, transmissão e aprendizado.

A interculturalidade também é pressuposto epistemológico para as experiências de educação nas escolas convencionais. Os avanços nas teorias educacionais e na legislação brasileira vêm promovendo a inclusão dos conhecimentos populares e saberes tradicionais das populações étnica e culturalmente diferenciadas nos conteúdos escolares regulares. A história, cultura e conhecimentos dos povos indígenas e afrobrasileiros devem ser incluídos aos conteúdos e matrizes curriculares das escolas regulares de ensino fundamental, médio e universitário (ver lei 11.645/08 em anexo).

Partindo destes pressupostos teóricos, vejamos um estudo de caso em Astronomia Cultural, para refletirmos em como podemos inserir a discussão de interculturalidade e história e cultura indígena no ensino de astronomia, lembrando sempre que quando falarmos de “cultura indígena” estamos falando de uma multiplicidade de culturas, cada uma com sua especificidade e singularidade.

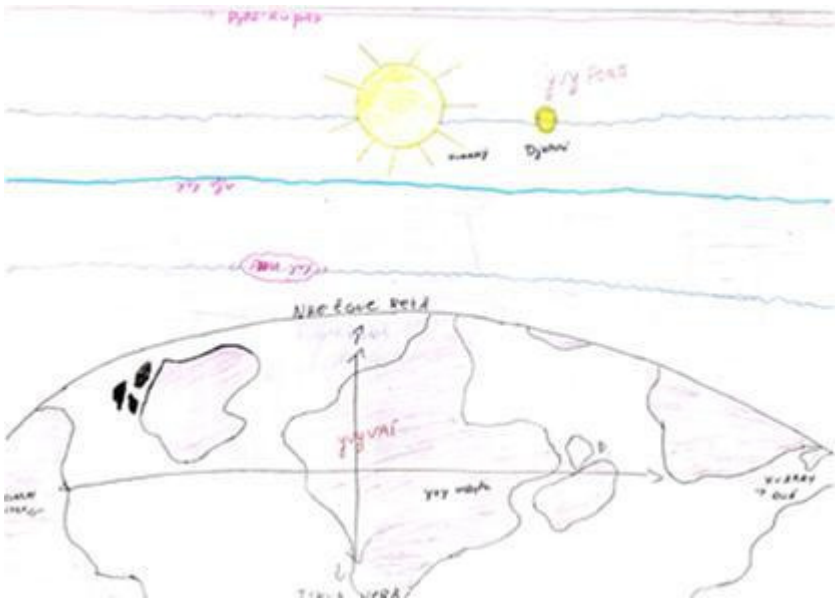
Astronomia Cultural: Caso Guarani

O pensamento Guarani sobre o universo ultrapassa a reflexão sobre os astros celestes. O que se vê no céu, sol, lua, estrelas, eventualmente cometas, eclipses solares e lunares, etc. inserem-se numa compreensão bem mais ampla, totalizante e holística do que é o céu, somado ao mundo em que vivemos e as coisas que nele existem. Definimos então, aproximar o conceito de Astronomia Cultural do conceito de Cosmologia, tal como trabalhado na teoria antropológica, na medida em que para os Guarani. o céu, os astros celestes, *o cosmos*, o mundo no qual vivemos e as coisas que nele existem serão pensados em conjunto, portanto,para pormos em diálogo o pensamento Guarani e o pensamento científico ocidental, precisamos promover uma discussão interdisciplinar e intercultural, reunindo diferentes áreas de conhecimento.

A cosmologia Guarani pensa o céu como composto de vários planos cósmicos ou camadas celestes, que dispõem-se de forma concêntrica, umas sobre

as outras. O céu que nós enxergamos é uma pequena parte de um universo composto por múltiplos planos cósmicos.

Na imagem abaixo, desenhada pelo professor Guarani Joel Kwarai Pereira, vemos a representação destes planos celestes que envolvem a terra. A terra em que vivemos é chamada *yvy vai.* O céu que envolve *yvy vai* é formado por quatro planos. O primeiro deles é *yvy anhã,* a terra de espíritos canibais, que representam as formas destrutivas do universo. Nós, os humanos, não somos capazes de enxergar o céu de *yvy anhã.* O céu seguinte é *yvy djú*, o céu azul que enxergamos. É o céu no qual correm os rios, que enxergamos como nuvens, o que para nós são nuvens, são entidades de água. È neste plano que Sol e Lua vêm passear, formando o dia e noite. O plano seguinte é a terra de Sol e Lua, o céu onde eles vivem, onde vivem também as estrelas. Os céus que existem além da terra do Sol e da lua nós não podemos enxergar. Nelas vivem os outros sóis, deuses criadores do universo.

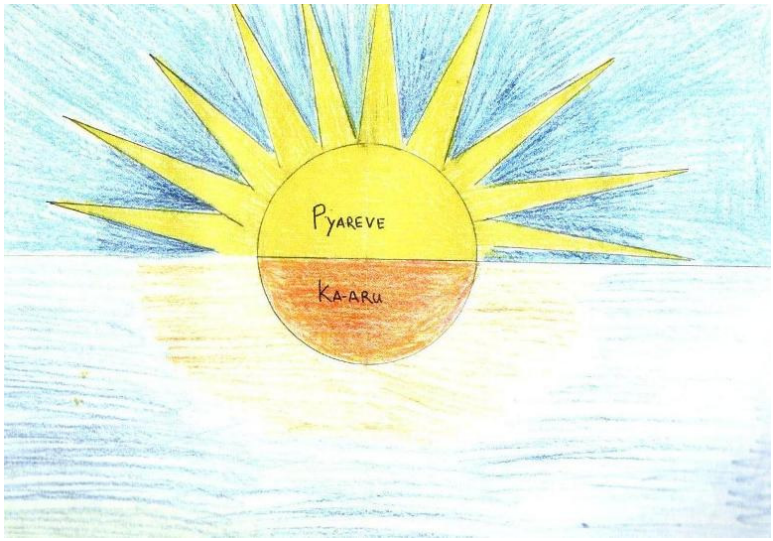


Fonte: Ilustração do Professor Guarani Joel Kwaray Pereira, em Mello 2006.

A origem do *cosmos* para os Guarani, ou a cosmogonia Guarani, pensa o momento de surgimento de tudo que existe como o desdobramento de um grande sol, nos tempos originários. “Do reflexo luminoso de sua infinita sabedoria, um grande sol se desdobrou, desabrochou, (*djerá*) como uma flor brilhante. Em sua cabeça, plumas maravilhosas abrigavam seu pensamento sobre tudo que viria a ser depois dele”. (Cadogan, 1992:26). O universo surge quando este grande sol desabrocha como uma flor, no meio do nada absoluto. Este grande sol, que engloba todo o *cosmos* com seu pensamento, é chamado Nhanderu Tenondé. De seu pensamento surgem outros quatro grandes sóis. Estes quatro grandes sóis distribuíram-se no nada originário, formando quatro planos cósmicos, que coincidem com os quatro pontos cardeais:

Kuaray ouá (onde o sol aparece pela manhã, leste); Djakairá (onde o sol se põe, oeste); Tupã werá (onde ficam as brumas, sul); Nhe’e gue retã (região do fogo e dos raios).

O surgimento de Sol, Lua e Terra *Kuaray ouá:* O Sol que enxergamos, chamado *Kuaray* é um sol menor, filho de um dos quatro sóis maiores, frutos da criação do universo, sóis estes que não podemos ver. *Kuaray* é a divindade principal para os Guarani, o que se repete em outras cosmologias indígenas



Fonte: Ayvu Anhetenguá, 2005.

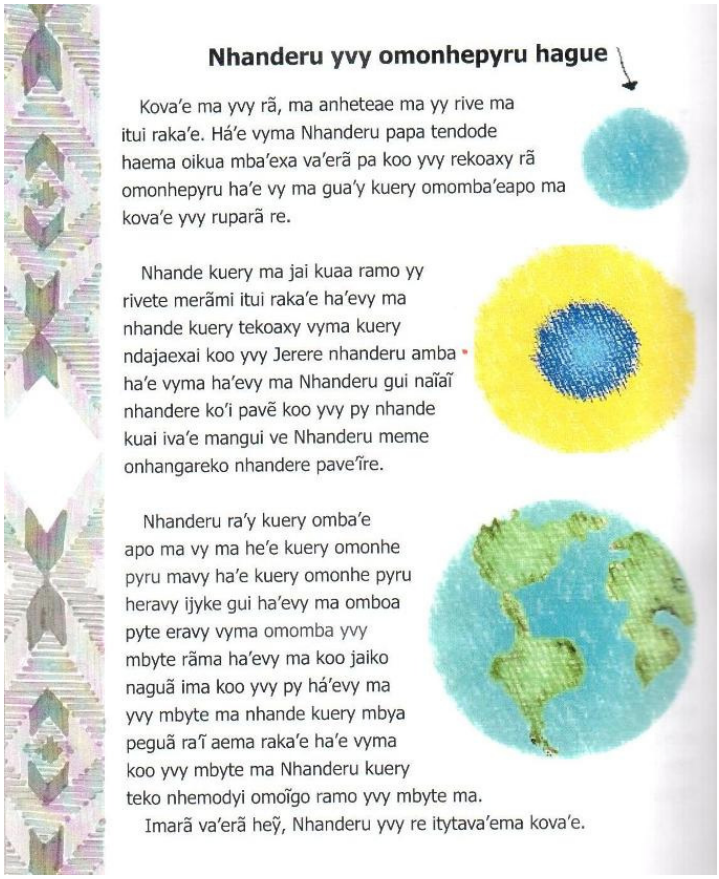
Sol e Lua, *Kuaray e Djatchi*, são criados pelo mesmo casal de Sóis, ou Deuses maiores, portanto, filhos dos mesmos pais, irmãos. Os humanos também são criações destes deuses, portanto, irmãos menores de Sol e Lua, e essa é a razão de nós vermos apenas eles no céu, e não os outros sóis.

As estrelas que enxergamos, *Tatá Djatchi,* estão no mesmo céu onde vive Lua, *Djatchi*, e diferente do céu onde vive Sol. Estrelas são pequenas divindades que caminham pelos diferentes mundos que compõem o universo. Existem muitas outras estrelas, que não somos capazes de enxergar.

Fonte: Geografia Indígena, 2003.

A terra e os seres que existem nela são criações destes dois irmãos. O céu que vemos é uma parcialidade do que realmente existe no céu, que é composto por

vários planos cósmicos. A terra foi criada pelos pais de sol e lua, para a criação de seus filhos. Com a terra e os seres que nela existem são regidas por normas sagradas, transmitidas pelos deuses.



Nhanderu yvy omonhepyru hague

Kova'e ma yvy rã, ma anheteae ma yy rive ma itui raka'e. Há'e vyma Nhanderu papa tendode haema oikua mba'exa va'erã pa koo yvy rekoaxy rã omonhepyru ha'e vy ma gua'y kuery omomba'eapo ma kova'e yvy ruparã re.

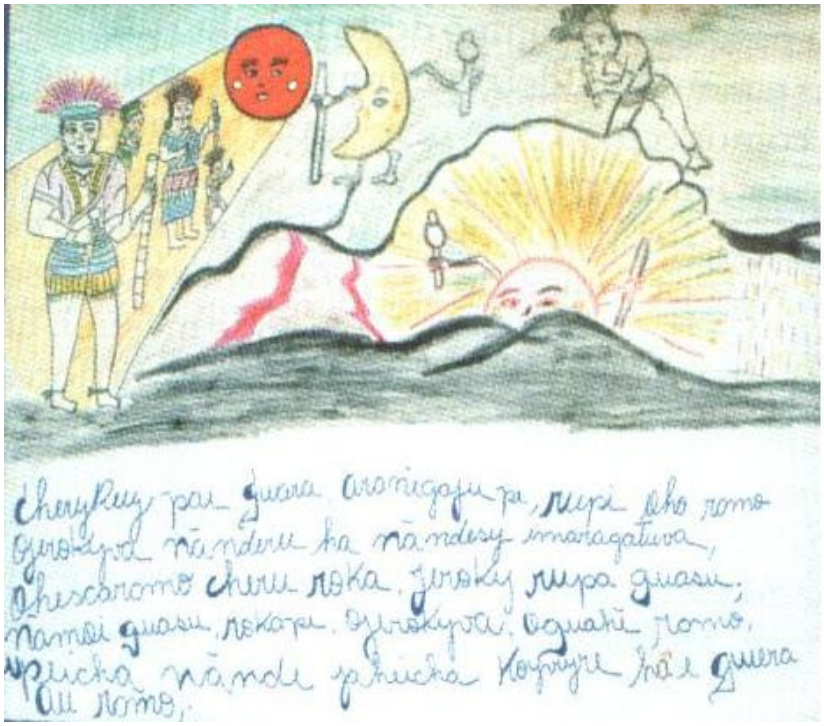
Nhande kuery ma jai kuaa ramo yy rivete merãmi itui raka'e ha'evy ma nhande kuery tekoaxy vyma kuery ndajaexai koo yvy Jerere nhanderu amba ha'e vyma ha'evy ma Nhanderu gui naĩaĩ nhandere ko'i pavẽ koo yvy py nhande kuai iva'e mangui ve Nhanderu meme onhangareko nhandere pave'ĩre.

Nhanderu ra'y kuery omba'e apo ma vy ma he'e kuery omonhe pyru mavy ha'e kuery omonhe pyru heravy ijyke gui ha'evy ma omboa pyte eravy vyma omomba yvy mbyte rãma ha'evy ma koo jaiko naguã ima koo yvy py há'evy ma yvy mbyte ma nhande kuery mbya peguã ra'ĩ aema raka'e ha'e vyma koo yvy mbyte ma Nhanderu kuery teko nhemodyi omoĩgo ramo yvy mbyte ma.

Imarã va'erã heỹ, Nhanderu yvy re itytava'ema kova'e.

Fonte: Ayvu Anhetenguá, 2005.

Existe uma relação de parentesco entre seres celestes e habitantes desta terra. Nesta genealogia, humanos e outros habitantes desta terra são parentes, numa classificação taxonômica muito distinta da definida pela biologia ocidental. Acima vemos um recorte de um livro didático produzido por professores Guarani, que explica o surgimento da terra, que passou a existir quando foi pensada pelo Sois pais do sol que enxergamos. Abaixo, a ilustração feita por professores Guarani, usada na tese de Montardo, que explica a descendência humana de Sol e Lua e suas relações através de instrumentos musicais.



Fonte: Montardo, 2002.

Estas normas e regras de parentesco e convivência entre Sol, Lua, as Estrelas e os Humanos, convertem-se em sistemas de ordenação e classificação das coisas que existem e formam as normas morais que regem a sociedade, ou seja, seu sistema ético e religioso. Da mesma forma, Sol e Lua indicam regras de relações sociais, marcação de ciclos humanos e passagens de fases da vida social, como nascimento, morte (e vida pós mortem), puberdade (marcada pela menstruação nas mulheres e mudança da voz nos homens), maturidade, etc, relações com o meio ambiente, calendários agrícolas. Enfim, as relações entre os humanos e o Sol e a Lua, informa diferentes aspectos da vida humana.

Ensino de ciências, Etnociências e Cosmologia

Os aspectos observados aqui nos indicam a centralidade e importância do sistema cosmológico na vida cotidiana das pessoas e na ordenação das relações sociais e de produção. O ensino de ciências naturais, em especial de astronomia, nestes contextos de alteridade cultural faz das reflexões sobre educação intercultural e o afastamento do etnocentrismo cabedal teórico-metodológico fundamental. Antes de ser a transmissão de um conjunto de saberes científicos a educação intercultural deve ser o diálogo entre dois sistemas de conhecimento que estão em igual nível de importância e eficácia explicativa dos fenômenos naturais.

Este é o grande desafio que é inerente ao ensino intercultural em grupos ou povos com alteridade cultural tão radical com relação ao sistema de pensamento ocidental moderno, como os povos indígenas, pó exemplo, seja no seu aspecto científico, seja no seu aspecto religioso, uma vez que Astronomia e Cosmologia tocam nas dimensões mais profundas de reflexão e identidade do ser humano, nas clássicas questões de “quem sou eu?”, “por que estou neste mundo?”, “quem criou o mundo?”, ou: “alguém criou o mundo?”, “Deus – ou deuses – existem?” “Existe vida

depois da morte?". A tarefa a que nos dispomos, de divulgar os conhecimentos científicos para além dos muros das universidades, nos traz, entre inúmeras outras efervescências epistemológicas, a incontornável questão do relativismo cultural. Como levar os conhecimentos produzidos e difundidos dentro da universidade à comunidades étnica e culturalmente diferenciadas da cultura hegemônica da sociedade nacional, respeitando a diversidade cultural e colaborando na valorização dos saberes existentes. As etapas do método de Paulo Freire da "pedagogia da autonomia" nos dá uma primeira dica: Para o educador conseguir fomentar o aprendizado dos educandos é necessário que ele pesquise o universo de conhecimentos trazidos pelo educando e a partir deste diálogo entre saberes, despertar a curiosidade do educando, estimulando-o a tornar-se um pesquisador dentro de seu sistema cultural. Assim, o educador deve dedicar-se à pesquisa e ao estudo do sistema cosmológico de seus alunos, colaborando na sistematização dos elementos desta pesquisa intercultural, buscando compreender a lógica de cada sistema de pensamento. É neste ponto que o estudo de etnociências e cosmologia se somam à educação intercultural. Somente pensando cada sistema de pensamento como um sistema eficaz de observação, sistematização e transmissão de conhecimentos é que se define a possibilidade de diálogo entre saberes. E da mesma forma, pensando estes sistemas como um conjunto, sem compartimentá-los em manifestações isoladas. Não se estuda etnobiologia ou os conhecimentos acerca de biologia em um povo indígena sem se estudar etnoastronomia, etnogeografia ou etnomatemática, deste povo, pois estes conhecimentos são sempre interligados, é uma característica do etnoconhecimento ocidental separá-las. Portanto, para o ensino de ciências e para a pesquisa em etnociências, o primeiro passo é a pesquisa sobre o sistema cosmológico do grupo social em questão, seja para o trabalho com povos indígenas, seja com populações não-urbanas.

Bibliografia

CADOGAN, L. Ayvu Rapita, Revista de Antropologia, USP, 1949. CICCARONE, C. Revelações sobre a Terra: A memória viva dos Guarani. Vitória, UFES, 1996.

FREIRE, Paulo Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAFELICE, Luis Abordagem Antropológica: Educação ambiental e astronômica desde uma perspectiva intercultural. In: Astronomia, Educação e Cultura. Natal: Ed. da UFRN, 2010.

LADEIRA, Maria Inês O caminhar sob a luz – O território Mbyá a beira do oceano. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, 1992.

_____ Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH–USP, 2001.

LANGDON, E. Jean e BAER, Gerhard – Portals of Power – Shamanism in South America. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1992.

LIMA, Tânia S. O dois e seu múltiplo: Reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. Mana, Rio de Janeiro, 2 (2):21-48, 1996.

MELLO, Flávia C. Aetchá Nhanderukuery Karai Retarã - Entre deuses e animais: Xamanismo, Parentesco e Transformação entre os Chiripá e Mbyá Guarani, tese de doutorado, UFSC, Florianópolis, 2006.

_____ Oguatá Taperadjá Yvy Tenondé'mã – As imbricações entre os deslocamentos territoriais, organização social e sistema cosmológico Guarani. Projeto de Doutorado. Florianópolis, UFSC, 2002.

MELLO, F., SOARES, J e KERBER, L – Reflexões sobre Etnoastronomia Guarani, Trabalho apresentado no IX Simpósio Internacional Oxford sobre Arqueoastronomia, Lima, 2011.

MONTARDO, Deise Através do Mbaracá. Música e xamanismo Guarani. Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo, USP, 2002.

NIMUENDAJU, Curt. As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapokuva-Guarani. São Paulo, Hucitec-Edusp, 1987.

OVERING, Joanna. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões. Mana, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1:107-140, 1995.

PISSOLATO, Elizabeth de P. Mobilidade, multilocalidade, organização social e cosmologia: a experiência de grupos Mbyá-Guarani no sudeste brasileiro. Tellus, Campo Grande, n.6 (1):65-78, 2004.

PROFESSORES INDÍGENAS DO XINGU – Geografia Indígena ISA, PNUD, MEC, 1996.

PROFESSORES INDÍGENAS GUARANI – Ayvu anhetenguá, SEED RS, 2005.

PROFESSORES INDÍGENAS PATAXÓ HAHAHÃE – vivendo, lendo e escrevendo a história Pataxó hahahãe. SEED BA, 2009.

RUGGLES, Clive. Astronomy, Cosmology and Landscape. In Proceedings of SEAC 98 Meeting, Dublin, Ireland, 1998.

_____ Astronomies and Cultures. University Press of Colorado, 1993.

SAHLINS, Marshall 1997 O 'Pessimismo Sentimental' e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um 'objeto' em vias de extinção (parte I). Mana, Rio de Janeiro, n.3(1):41-73.

SANTANA DE OLIVEIRA, Melissa Reflexo das águas cristalinas – Um estudo sobre a presença da escola indígena Yynn Moroti Werá na aldeia Guarani Mbiguaçú, SC. Trabalho de conclusão de Curso em Ciências Sociais. Florianópolis, UFSC, 2002.

_____ Kÿringue'i Kuery Guarani. Infância, educação e religião entre os Guarani de Mbiguaçú, SC. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Florianópolis, UFSC, 2004.

Anexo

Lei 11.645/2008 – referida no texto, com grifos meus:

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad